



DOI: <https://doi.org/10.59488/tragica.v17i1.61974>

Revista Trágica

Volume 17 - Número 1 ISSN 1982-5870

Sobre a palavra “humanismo”

Danilo Bilate  

Professor da UFRRJ, Seropédica, RJ, Brasil. Contato: danilobilate@gmail.com

Resumo: Este artigo apresenta um breve histórico do termo “humanismo”, explorando a sua plurivocidade e buscando, com isso, esclarecer seus sentidos possíveis apesar da consequente equivocidade que se apresenta. Esse intento se justifica notadamente pela raridade de trabalhos filosóficos que a isso se dediquem, sobretudo em língua portuguesa, apesar do extenso uso do termo no debate filosófico contemporâneo.

Palavras-chave: Imanência; Humanitas; tradição.

Abstract: This article presents a brief history of the term “humanism”, exploring its plurivocality and seeking, thereby, to clarify its possible meanings despite the resulting equivocation that appears. This intention is notably justified by the rarity of philosophical works dedicated to this, especially in Portuguese, despite the extensive use of the term in contemporary philosophical debate.

Keywords: Immanence; Humanitas; tradition.

A palavra “humanismo” é muito equívoca, mas essa plurivocidade é rica de ensinamentos para compreendermos a história da filosofia. Ela nos mostra, por exemplo, como é possível identificar duas tradições distintas do fazer filosófico que implicam duas formas de comunicar o pensamento, correspondendo a duas abordagens teóricas completamente antagônicas. Uma dessas tradições é a que se permite o que chamo de “hiper-abstração”, levando a especulação a suas mais extremas possibilidades e descolando-se da experiência como *kriterion* universal que, além de baliza epistêmica, serve como ponto de acordo para a intercomunicação. Sem essa pedra de toque, tal tradição dá importância exagerada à norma comunicativa, como tentativa natimorta de, pela forma discursiva, garantir aquela referência epistemológica que lhe faz falta. Essa abordagem pode ser chamada de “metafísica” se compreendermos por esse termo uma teoria de dois mundos, nomenclatura que se tornou frequente a partir do século XIX. Antes disso, especialmente na transição do medievo tardio para a primeira

modernidade, ela foi frequentemente chamada de “escolástica”. A outra tradição, à primeira antagônica, faz a apologia da experiência como único *methodos* para o conhecimento seguro e permite a especulação, com a abstração que lhe acompanha, dentro de certos limites higiênicos. Quanto à regulação retórica, essa tradição não se faz ver como tal, pois falta-lhe unidade. Alguns de seus autores compartilham da crença na normatividade restritiva, supondo ser possível corrigir pela forma da argumentação eventuais desvios epistêmicos. Outros autores entendem que, se não deixamos escapar a experiência como critério distintivo, a regulação retórica não precisa exercer essa função corretora, possivelmente fantasiosa aliás, mas apenas cuidar do equilíbrio da eloquência, pelo cultivo da elegância e do bom gosto. É a essa última vertente dessa segunda tradição que por vezes é chamada de *humanismo*.

Para designar o movimento cultural, contemporâneo do Renascimento, oposto à escolástica, a palavra só passa a ser utilizada na década de 1840.¹ Nesse sentido, o termo deriva explicitamente das palavras “humanidades” e “humanistas”, os dois em voga nos séculos XVII e XVIII. As raízes dos dois termos são ainda mais antigas. Marcel Françon lembra que “Varrão e Cícero empregavam a palavra *humanitas* para traduzir *paideia*”.² Ele completa que a expressão grega “*enkuklios paideia*” foi utilizada por Quintiliano para nomear uma “educação puramente literária” e “uma cultura oratória fundada sobre a retórica”.³ Paul Oskar Kristeller resume assim a origem da palavra e o *ethos* dos primeiros humanistas:

O termo moderno “humanismo” tem sido usado neste sentido desde o início do século XIX e foi derivado do termo “humanista” cunhado no final do século XV para designar um professor e estudante de “humanidades” ou *studia humanitatis*. [...] Os humanistas estiveram ativamente envolvidos em disponibilizar as fontes da filosofia e da ciência antigas aos seus contemporâneos, descobrindo, copiando e editando textos clássicos em latim, traduzindo textos gregos para o latim (e mais tarde para o vernáculo) e discutindo e interpretando eles em seus comentários.⁴

Sabe-se que a preocupação em conhecer os afetos é clássica no campo da retórica, desde Aristóteles ao menos,⁵ ele que, mesmo antes de Cícero e seu *decorum*,⁶ mostra como

¹ Como explica Augusto Campana: “After the beginning of the century, there are German as well English examples, but they have other philosophical and theological connotations. The word *Humanismus* is first used in the sense of a historical event by K. Hagen, in a work published in 1841-43, and then by Voigt whose famous book first appeared in 1859. At this point the link between *Humanist* and *Humanismus* is complete in form as well as in substance” (CAMPANA, Augusto. The origin of word “humanism”, *Journal of the Warburg and Courtauld Institutes*, vol. 9, 1946, p. 72).

² FRANÇON, Marcel. Humanisme, “Bonae Literae”, *Encyclopédie, Romance Notes*, vol. 13, nº 3, 1972, p. 525.

³ *Ibidem*, p. 527.

⁴ KRISTELLER, Paul Oskar. The meaning of humanism, *The Cambridge history of Renaissance philosophy*, Cambridge University Press, 2008, p. 113 e p. 135.

⁵ Pois, no final das contas, “há persuasão pelos auditores quando eles são levados, pelo discurso, a uma paixão” (ARISTÓTELES, *Retórica*, 1355b, segundo a tradução francesa de Pierre Chiron [*Ceuvres complètes*. Paris: Flammarion, 2014]). Ver, sobre os *pathê*, os capítulos 2-17, 1378a-1391a.

⁶ Ver, sobre essa noção, BERNARD, Jacques-Emmanuel. Rhétorique et société chez Cicéron, *Modèles linguistiques*, nº 58, 2008, disponível em: <http://journals.openedition.org/ml/368>

o conhecimento dos *pathê* nasce da preocupação do retor com seu público.⁷ Segundo Marc Fumaroli, é isso precisamente o fundamento do humanismo: “o ato de bem falar, isto é, de se endereçar a outrem e de lhe dizer alguma coisa que ele toma verdadeiramente para si, é em verdade a *humanitas* mesma da qual faziam grande caso os antigos”.⁸ O Renascimento recupera assim o cuidado de dizer a verdade para que ela possa ser compreendida por aquele a quem nos endereçamos e isso com toda a atenção à eloquência, com a elegância de escolher (*elegere*) a melhor maneira de falar ou de escrever, privilegiando o interlocutor. A singularidade de cada indivíduo é, assim, levada em conta e o discurso ganha uma amplitude de possibilidades estilísticas. É por isso que a concepção de humanismo que presume uma essência humana não tem nenhuma sustentação na romanidade. Como explica Pierre Vesperini:

Os homens passam da selvageria primitiva, do *inhumanitas* à *humanitas*, “da natureza à cultura”. [...] Os romanos empregavam diferentes palavras para descrever esse processo: *erudire* (que, é claro, deu origem à “erudição”), isto é, retirar o que há de *rudis*, de “grosseiro” nos homens (“desengrossar”); *perpolire*, “polir”; *excolere*, “cultivar”; *mansuefacere*, “adoçar”. Essa “doçura” é para os romanos um elemento essencial do estado do homem civilizado. [...] É preciso, pois, para compreender o que queria dizer *humanitas*, se liberar desse modelo essencialista que nós temos todos na cabeça, que quer que o homem *humanus* seja o homem completo enquanto homem, aquele que é mais homem que os outros homens. Os romanos pensavam o *humanitas* segundo um modelo diferente, bem mais: segundo um modelo inverso, um modelo artificialista. Eles concebiam a *humanitas* como um equipamento artificial (*instructio*), uma armadura que se coloca sobre um corpo pela educação, pelas *artes* (artífice) da *humanitas* sobre a qual falei mais acima.⁹

Entretanto, o sentido da palavra “humanismo”, que apresentamos até aqui, não é o único usado na história das ideias. De fato, poucos trabalhos tratam da origem da palavra “humanismo”, dos quais se destaca o livro de Florian Baab, autor que nota essa raridade.¹⁰ O termo, provavelmente nascido na França dos setecentos, ganha notoriedade apenas no início do século XIX na Alemanha, graças à Friedrich Immanuel Niethammer¹¹ para propor um tipo de educação distinta do sistema pedagógico então chamado de “filantropismo”. Interlocutor de Schelling, dentre outros autores,¹² seu livro ganhou uma resenha escrita por ele.¹³ Nela, Schelling lembra que a razão determina o

⁷ Por exemplo: “É preciso levar em conta igualmente o público diante do qual é pronunciado o elogio” (*Retórica*, 1367a).

⁸ FUMAROLI, Marc. *L'âge de l'éloquence: Rhétorique et “res literária” de la Renaissance au seuil de l'époque classique*. Paris: Albin Michel, 1994, Prefácio, I, p. x.

⁹ VESPERINI, Pierre. Le sens d'*humanitas* à Rome, *Mélanges de l'École française de Rome - Antiquité*, vol. 127, n° 1, 2015, disponível em: <http://journals.openedition.org/mefra/2768>

¹⁰ BAAB, Florian. *Was is Humanismus ?* Regensburg: Verlag Friedrich Pustet, 2013, p. 16.

¹¹ Quando ele escreve *Der Streit des Philanthropinismus und des Humanismus in der Theorie des Erziehungs-Unterrichts unsrer Zeit*, em 1808.

¹² Como Fichte e Hegel. Ver BAAB, Florian, *Was is Humanismus ?* Op. Cit., p. 28.

¹³ “Der Streit des Philanthropinismus und Humanismus in der Theorie des Erziehungsunterrichts unserer Zeit dargestellt von Friedrich Immanuel Niethammer” (No *Jenaischen Allgemeinen Literaturzeitung*, numeros 13, 14, 15, 1809).

homem em seu conceito geral, em sua “humanidade” portanto, mas ele observa que a personalidade de cada indivíduo é sempre singular. Nesse contexto, ele escreve que o esforço do humanismo moderno visa o cultivo apenas das características gerais ou impessoais e não as do indivíduo.¹⁴ Considerando que a oposição entre filantropia e o humanismo envolve a distinção entre as concepções do homem como animal e como ser espiritual, Schelling conclui que “o antigo e autêntico humanismo não era nem um pouco familiar com essa polêmica moderna contra a animalidade e não tinha disso nenhuma consciência”.¹⁵ Assim, o autor, cuidadoso em evitar o anacronismo em torno da polêmica, talvez tenha sido o primeiro a cometer o anacronismo de relacionar a nova palavra à antiguidade greco-romana.

Ainda na Alemanha, é digno de nota que Goethe fala de humanismo no sentido do que entendemos por humanitarismo, noção que pressupõe compaixão e respeito à dignidade humana.¹⁶ Um pouco mais tarde, Schopenhauer fala de humanismo para classificar o pensamento otimista de Rousseau, contra o pessimismo e o materialismo de Voltaire. Mais especificamente, segundo o filósofo alemão, Rousseau combate as ideias voltairianas de “preponderância do mal e de calamidade na existência”, da “rigorosa necessidade dos atos da vontade” e da “verdade do princípio de Locke, de que o elemento pensante pode ser também de natureza material”. Assim, o “traço fundamental” da filosofia de Rousseau é “que ele substitui a doutrina cristã do pecado original e da perversidade primitiva da raça humana por uma bondade original e uma perfectibilidade ilimitada, das quais só a civilização e suas consequências fizeram desviar” e é precisamente sobre isso que ele “edifica seu otimismo e seu humanismo”.¹⁷ Pelo uso schopenhaueriano do termo, é possível inferir haver “humanismo” na crença otimista em uma humanidade – no sentido de quiddidade do humano – boa e perfectível.

Após a consolidação da palavra por Niethammer, ela aparece pela primeira vez na França em 1823 para nomear a sensibilidade e o civismo em um poema anônimo: “Essa dureza dos corações, esse funesto incivismo, / Que eu poderia antes chamar inumanismo; / Que parecia ameaçar diversas nações, / E querer explorar gerações, / Tanto se dizendo homem, destrói-se o humanismo”.¹⁸ Vê-se que se trata quase do mesmo sentido dado a ela por Goethe, bem como de sua segunda ocorrência francesa, quando nomeia a “bondade humanitária”.¹⁹ Ela se torna logo um emblema do socialismo pré-marxista, como atesta sua utilização por Proudhon: “Do humanismo ao socialismo, só há a diferença da palavra”.²⁰ Sua perspectiva antirreligiosa é ignorada por seus críticos, que repetem o substantivo. Ao criticar Proudhon a partir de um ponto de vista religioso, sem fazer menção a essa utilização do termo por esse autor, Eugène Lerminier diz que o

¹⁴ Schellings *sämtliche Werke*, vol. 7, p. 516.

¹⁵ *Ibidem*, p. 519.

¹⁶ Em sua autobiografia escrita entre 1808 e 1831: GOETHE, Johan Wolfgang. *Aus meinem Leben. Dichtung und Wahrheit*, Dritter Teil, Dreizehntes Buch.

¹⁷ SCHOPENHAUER, Arthur. *O mundo como vontade de representação*, §46 (a partir da tradução francesa de A. Burdeau. Paris: PUF, 2009, p. 1349).

¹⁸ *Épître adressée aux dames et particulièrement aux dames bordelaises, en leur offrant l'hommage d'un projet éminemment utile à l'humanité*. Bordeaux: Moreau et Suwerinck, 1823, p.13.

¹⁹ CROUSSE, L. D. *De l'organisation politique* Paris: C. Hingray, 1841, cap. 24, p. 410.

²⁰ PROUDHON, Pierre-Joseph. *Les confessions d'un révolutionnaire, pour servir à l'histoire de la révolution de février*. Terceira edição. Paris: Garnier Frères, 1851, p. 13.

humanismo é “a explicação metafísica da encarnação”, metafísica que o próprio Proudhon, ainda segundo Lerminier, considera como uma “reabilitação do misticismo”.²¹ A fluidez do uso do termo entre os autores franceses dessa época se faz patente por seus antagonismos que se intercalam. Em oposição a Lerminier, por exemplo, Taillandier volta a utilizar a palavra com o mesmo sentido de Proudhon: “essa religião do humanismo que é a negação de toda ideia religiosa”.²² Portanto, o sentido de humanitarismo é relativamente consolidado, mas entra em jogo a disputa entre quem o deteria, se a religião ou se uma posição filosófica materialista.

Essa disputa, bem como toda a plurivocidade do termo, permanece no século XX e até os nossos dias. Ferdinand C. S. Schiller utiliza a palavra em 1903 para nomear uma posição filosófica pragmática e antimetafísica (ou de “metafísica concreta”²³), para classificar a recusa à transcendência própria à constatação de que só a experiência é fonte de conhecimento – uso que William James e John Dewey aceitam. Esse último, aliás, assinou o primeiro *Humanist manifesto*, texto que, entretanto, propõe uma vaga transformação semântica da palavra “religião”, muito provavelmente para abarcar entre seus assinantes tanto materialistas ateus quanto pensadores religiosos. O posicionamento pragmatista, notadamente anglo-saxão, continua sendo facilmente contraposto à posição filosófica otimista e religiosa, que permanece viva.²⁴

Henri Lubac identifica a disputa entre um humanismo religioso, especificamente cristão, e um humanismo materialista e ateu, tendo seu trabalho sobre o assunto ganhado notoriedade. Lubac considera que a religião cristã é a única a reconhecer a “vocação”, a “grandeza” e a “dignidade” do homem como aquele que é feito segundo a imagem de Deus. Mas o objetivo principal de seu livro é o de estudar os humanismos que ele classifica como positivista, marxista e nietzschiano. Sobre eles, o autor afirma: “muito mais do que um ateísmo propriamente dito, a negação que está na base de cada um deles é um antiteísmo e, mais precisamente, um anticristianismo”, para completar que esses humanismos materialistas encontram “acabamentos análogos, dos quais o principal é o esmagamento da pessoa humana”.²⁵ Ao comentá-los, Lubac dedica uma atenção especial ao pensamento nietzschiano. Ele considera que Nietzsche se restringe ao homem, excluindo Deus, o que constitui, em verdade a seus olhos, um “humanismo inumano”²⁶ e conclui que “o humanismo ateu só podia alcançar a falência”.²⁷

Poucos anos depois do livro de Henri Lubac, a palavra “humanismo” passa a ser cada vez mais usada, sempre com um alcance semântico muito vasto, como atestam, para citar apenas alguns exemplos, as ocorrências nos textos de Lévi-Strauss, de Sartre e de Heidegger. Lévi-Strauss considera o humanismo uma posição teórica que pressupõe uma essência humana, uma maneira de “justapor as diferenças ou de apagá-las com a

²¹ LERMINIER, Eugène. *Philosophie du droit*. Terceira edição. Paris: Guillaumin, 1853, p. 4.

²² TAILLANDIER, Saint-René. *Études sur la révolution en Allemagne*. Paris: A. Franck, 1853, p. 515.

²³ SCHILLER, Ferdinand Canning Scott. *Humanism*. London: Macmillan, 1903.

²⁴ Por exemplo: “[...] são Tomás sendo, sem dúvida, um doutor do humanismo cristão” (BREMONT, Henri. *Autour de l’humanisme: d’Érasme à Pascal*. Paris: Bernard Grasset, 1937, p. 29).

²⁵ LUBAC, Henri. *Le drame de l’humanisme athée*. Paris: Éditions Spes, 1944, p. 7.

²⁶ “O humanismo exclusivo [sem Deus] é um humanismo inumano” (Ibidem, p. 9).

²⁷ Ibidem, p. 51.

ajuda das vagas semelhanças ou de uma ideia *a priori* do homem”.²⁸ Sartre parece usar a classificação de humanismo, sustentando-a sobre a liberdade humana a garantir a dignidade do homem, pois é a demonstração da liberdade inexorável o que permite ao autor nomear o existencialismo como um humanismo.²⁹ Heidegger vê no rótulo “humanismo” um risco comum a todos os títulos terminados em “ismo”, mas não explica bem qual seria esse risco. Ademais, ele não abandona a palavra e a explica como um esforço do pensamento para cuidar que o homem seja humano, isto é, para zelar pela *humanitas*. Para isso, é claro, ele pergunta qual é a natureza ou a essência do homem, questão que ele toma como a questão fundamental de toda forma de humanismo. A ela, ele dá sua própria resposta, privilegiando a *humanitas* em oposição à *animalitas*, acreditando recusar a metafísica tradicional lá precisamente onde ele a confirma.³⁰

Parece ser uma reverberação de Lubac a bem conhecida conclusão de Foucault, segundo a qual, para Nietzsche, o homem morreu ou está em vias de desaparecer.³¹ O autor francês diz que o alemão “matava o homem e Deus ao mesmo tempo”, que “o homem logo não existirá mais – mas sim o além-do-homem”, que sua “promessa do além-do-homem significa, de início e antes de tudo, a iminência da morte do homem”, que “o homem vai desaparecer”,³² sempre com fórmulas que parecem buscar um efeito retórico propagandista, sem maiores esclarecimentos.

Ao afirmar que “o homem está desaparecendo”, Foucault joga com as palavras, mudando o sentido usual de “homem”: “os seres humanos, mas não o homem”, ele escreve, para tentar, à sua maneira, descrever o homem como uma “invenção recente”.³³ O que Foucault compreende pela palavra “homem” é bem específico, a saber, “um duplo empírico-transcendental”,³⁴ de maneira que sua utilização faz mais barulho do que propõe definições adequadas e suficientemente compreensíveis. Ao dizer: “antes do fim do século XVIII, o *homem* não existia”,³⁵ o autor quer assinalar que “não havia consciência epistemológica do homem como tal”, que a “*episteme* clássica se articula segundo linhas que não isolam de nenhuma maneira um domínio próprio e específico do homem”, o que “excluía que houvesse uma ciência clássica do homem”.³⁶ Como quer que seja, a propósito do termo “humanismo”, seu uso compartilha das mesmas dificuldades: “O humanismo do ‘Renascimento’, o ‘racionalismo’ dos clássicos puderam dar um lugar privilegiado aos humanos na ordem do mundo, eles não puderam pensar o homem”.³⁷ Vê-se que a utilização da palavra é compreensível como nomeação de uma maneira de pensar própria aos renascentistas, mas o leitor fica estupefato ao supor que tal

²⁸ LÉVI-STRAUSS, Claude. *Race et histoire*. Paris: Unesco, 1952, reedição de 1987, p. 95.

²⁹ SARTRE, Jean-Paul Sartre. *L'existentialisme est un humanisme*. Paris: Nagel, 1946. A meu ver, Sartre retoma, em parte, o cristianismo que ele gostaria de combater: por que, enfim, não seria *dignus* não ser livre?

³⁰ HEIDEGGER, Martin. *Über den « Humanismus », Brief an Jean Beaufret*, Paris. Frankfurt am Main: Vittorio Klostermann, 1949.

³¹ Ver, por exemplo, a seguinte afirmação de Lubac: “Não há mais homem, porque não há mais nada que ultrapasse o homem” (LUBAC, Henri. Op. Cit., p. 51).

³² FOUCAULT, Michel. *Les mots et les choses*. Paris: Gallimard, 1966, respectivamente p. 317, p. 333, p. 353 e p. 396.

³³ *Ibidem*, respectivamente p. 333, p. 397, p. 398.

³⁴ *Ibidem*, p. 330.

³⁵ *Ibidem*, p. 319.

³⁶ *Ibidem*, p. 320.

³⁷ *Ibidem*, p. 329.

movimento não teria pensando o “homem”. Em outro lugar, Foucault toma a palavra de maneira mais clara, definindo-a, implicitamente, como preocupação com o homem: “nosso pensamento moderno do homem, nossa solicitude por ele, nosso humanismo”,³⁸ mas ele não explica em quê essa versão moderna difere da clássica.

A imprecisão com o uso do termo por parte de Foucault talvez reflita, em um único autor, uma equivocidade que se encontrava difundida entre seus contemporâneos, como mostrei anteriormente. Em linhas gerais, e como conclusão desta investigação, pode-se afirmar que a plurivocidade da palavra “humanismo” diz (i) uma maneira de pensar o mundo do ponto de vista da imanência, constituindo-se como uma tradição de difícil mapeamento, por vezes efetuando-se como combate à “metafísica”; (ii) uma tradição de pensamento, também afeita à perspectiva da imanência, ainda que nem sempre materialista ou ateia, localizável com o período histórico preciso do Renascimento, por vezes extensível à montante até às Luzes e à jusante até os romanos; (iii) qualquer suposição teórica de uma essência humana, isto é, de uma “humanidade” que defina o humano como tal; (iv) essa mesma suposição a sustentar uma qualquer dignidade do humano, podendo ou não apresentar-se como projeto filosófico de busca pela excelência humana.

Recebido: 22/11/2023
Aprovado: 19/02/2024

Received: 22/11/2023
Approved: 19/02/2024

³⁸ *Ibidem*, p. 333.